

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru
Departamento de Comunicação Social
Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Heloísa Monteiro Scognamiglio
Jéssica Dourado de Oliveira

Reportagem transmídia
(In)existência: quando a melancolia engole o ser humano

Bauru
2017

Heloísa Monteiro Scognamiglio
Jéssica Dourado de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda

Reportagem transmídia
(In)existência: quando a melancolia engole o ser humano

Relatório do Projeto Experimental elaborado para avaliação da banca do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da FAAC-UNESP.

Bauru
2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado pelas discentes Heloísa Monteiro Scognamiglio e Jéssica Dourado de Oliveira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda – FAAC/Unesp-Bauru

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier – FAAC/Unesp-Bauru

Prof. Dr. Fábio Leyser Gonçalves – FC/Unesp-Bauru

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo à minha parceira de projeto, Jéssica Dourado, por ter aceitado ser minha companheira nessa jornada. Obrigada pela confiança depositada em mim ao dizer sim para essa ideia (que era tão sem forma e que fomos construindo juntas) e pela paciência ao lidar com o meu perfeccionismo irritante. Sua calma nos meus momentos de euforia ou de desânimo foi imprescindível para que o projeto pudesse ser concretizado.

Para que a reportagem fosse possível, muitas pessoas nos receberam de muita boa vontade em suas casas, consultórios, salas de aula, falaram com a gente durante seu intervalo de almoço e até através de chamada de vídeo – pessoas que sofrem com o transtorno depressivo maior, tão dispostos a se abrirem para duas desconhecidas; especialistas, nos cedendo um pouco de seu tempo em dias corridos durante a semana. A essas pessoas, o meu muito obrigada. E um obrigada gigante à Tia Sandra (e família), que nos deu abrigo em São Paulo e nos recebeu tão bem quando precisamos ficar um tempo na capital entrevistando personagens e especialistas.

Não poderia deixar de agradecer ao nosso orientador, Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda, cujos apontamentos foram muito preciosos, pois sempre nos guiavam em direção a ideias menos confusas, mais palpáveis, desanuviando nossas mentes e nos tranquilizando quanto à viabilidade do projeto. Sem sua orientação, a reportagem não teria tomado forma.

Agradeço também às pessoas que a Unesp trouxe para perto de mim. Seres humanos incríveis sem os quais a graduação com certeza não teria me ensinado tanto, nem me feito amadurecer como amadureci: Ari, Camis, Calcs, Mari, Corti, Robs, Tubs e Zé. Eles estiveram ao meu lado, me oferecendo um ombro amigo, dando apoio, amor e deixando minha vida muito mais leve.

Aos meus pais, Neire e Luiz Antonio, agradeço todo o apoio emocional e financeiro sem os quais não seria possível eu ter saído de casa e focado nos estudos enquanto todo o resto era resolvido sem eu me preocupar. Sei que o esforço não foi pequeno e sou eternamente grata. Às minhas irmãs, Thaís e Leticia, e a tios, tias, primos, avô: muito obrigada pelo apoio e pelas palavras de incentivo nessa reta final. E um grande obrigada à minha avó, Malvina, que muito se preocupou e fez inúmeras orações em prol do meu projeto de conclusão de curso.

Heloísa Scognamiglio

AGRADECIMENTOS

A ideia e coragem para falar sobre depressão não partiram apenas de mim, por isso, em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha parceira de projeto, Heloísa Scognamiglio. Essa reportagem não teria o mesmo empenho, qualidade e paixão se ela não abraçasse o projeto junto comigo. Agradeço imensamente por ela me dar forças e continuidade ao trabalho nos momentos em que eu não tive condições de fazer o mesmo.

Não apenas por me manter estável emocional e financeiramente, queria agradecer aos meus pais, Amilton e Leontina, e aos meus irmãos, João Marcos e Eriquer. Minhas viagens para São Paulo para realizar entrevistas e as viagens de circular dentro de Bauru não seriam possíveis sem eles. Além disso, sou eternamente grata por todo o esforço que todos fizeram para que eu pudesse me manter na universidade. Sou uma das alunas que entrou pelo sistema de cotas implantado pela primeira vez no vestibular da Unesp de 2014. Ter uma pessoa morando em outra cidade por causa do ingresso em uma universidade pública nunca foi uma realidade da minha família, por isso, o apoio deles (tanto pais, quanto irmãos, tias, madrinhas, tios, primos) foi de extrema importância para que eu fosse capaz de concluir a graduação.

Perceber a complexidade da temática da nossa reportagem é uma coisa que não posso afirmar que consegui, mas o que consegui absorver até agora se deve muito a minha mãe, Leontina. Ela sofre com depressão há mais de 30 anos e teve toda a paciência do mundo para tentar me explicar, durante 21 anos, o que é viver com essa doença. Graças aos seus ensinamentos fui mais consciente e preparada para realizar as entrevistas.

Para essa reportagem ganhar o tom que tanto almejamos foi necessário que as pessoas que possuem o transtorno pudessem abrir as portas da sua casa e da sua vida para nós. Por isso agradeço muito a todos que aceitaram compartilhar suas histórias conosco, e aos especialistas que abriram um espaço em suas agendas para nos receber e conceder uma entrevista.

Também deixo meu muito obrigado ao Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda, que aceitou ser nosso orientador e desempenhou muito bem sua função. Ter um orientador como ele, muitas vezes, nos motivou e deu confiança nos momentos em que precisávamos. Muito obrigada pelo empenho, apontamentos, paciência e por nos orientar mesmo estando de férias. Essa reportagem não teria uma direção sem nosso orientador.

Jéssica Dourado

RESUMO

Este projeto consiste na produção de uma reportagem transmídia sobre o transtorno depressivo maior, a depressão. O objetivo é retratar este tema de modo a não reproduzir estereótipos acerca dele e ficar longe da romantização e da superficialidade. As entrevistas com especialistas e pessoas que convivem com a doença, junto às pesquisas, foram de extrema importância para a fundamentação do produto jornalístico. O processo de produção teve que incluir certos cuidados em relação à abordagem e identificação das fontes. A escolha da narrativa transmídia se baseia na ideia de que o formato nos permite abordar o assunto em questão em seus aspectos mais complexos devido à possibilidade de inserção de recursos visuais e interativos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Reportagem transmídia. Depressão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Justificativa.....	8
1.2 Objetivos.....	9
1.2.1 Objetivo geral.....	9
1.2.2 Objetivos específicos.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 Reportagem.....	10
2.2 Narrativa Transmídia	11
3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	12
4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19
APÊNDICES.....	22

1 INTRODUÇÃO

O intuito do presente trabalho é falar sobre o transtorno depressivo maior, a depressão, de uma forma mais aprofundada. O objetivo principal é que fique claro aos leitores que a depressão é uma doença que precisa de acompanhamento profissional e tratamento. A proposta é apresentar uma reportagem com um panorama da depressão, abarcando os seus sintomas, a jornada dos pacientes até receber o diagnóstico, como é realizado o tratamento, como esse tratamento afeta a vida dos pacientes e se é possível conviver com a doença dentro da rotina diária.

O objetivo é contribuir para superar o estigma existente sobre a depressão. Para isso, foram realizadas entrevistas e, a partir de depoimentos de pessoas depressivas e de falas de especialistas (psicólogos e psiquiatras), o intuito é tirar a romantização e tentar quebrar o tabu acerca do assunto. A meta é que a reportagem seja esclarecedora e que influencie que mais pessoas que apresentam os sintomas procurem ajuda e que as que não sofrem com essa doença saibam ouvir, respeitar e conviver com aquelas que sofrem do transtorno depressivo maior.

Falar sobre depressão ou transtornos mentais em geral quase nunca é algo fácil, rápido e direto, já que o assunto é muito complexo e exige discussões que não podem ser superficiais. Dificilmente a depressão é abordada com a devida profundidade na mídia em geral, seja no jornalismo, seja no entretenimento.

No caso do jornalismo, que tem a pretensão de refletir a realidade, tal situação é ainda mais grave, já que a imagem de pessoas com o transtorno pode ser passada de forma a agravar o preconceito já existente de que essas pessoas não estão doentes. Tal visão errônea pode atrapalhar o diagnóstico de inúmeros pacientes, que acabam não se identificando como doentes nem procurando tratamento, podendo, assim, chegar ao suicídio.

A mídia desempenha um papel significativo na sociedade atual, ao proporcionar uma ampla gama de informações, através dos mais variados recursos. Influencia fortemente as atitudes, crenças e comportamentos da comunidade e ocupa um lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais. Devido a esta grande influência, os meios de comunicação podem também ter um papel ativo na prevenção do suicídio. (OMS, 2000)

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) referentes a 2015 e divulgados em 2017, a depressão atinge 322 milhões de pessoas no mundo. O número subiu 18,4% em apenas 10 anos, de 2005 a 2015. Da população mundial, 4,4% de indivíduos

apresentam o transtorno. No Brasil, 11,5 milhões têm depressão, o que significa 5,8% da população. Ainda segundo a pesquisa, o Brasil é o país com maior prevalência de depressão da América Latina e o segundo com maior prevalência nas Américas, ficando atrás somente dos Estados Unidos (5,9%).

1.1 Justificativa

Os transtornos mentais sempre foram motivo de comentários maldosos, ignorantes e equivocados. Apresentar um transtorno mental pode ser motivo de piada e de ser tachado de “louco”. O estigma ao redor da depressão, especificamente, é o de que essa doença é uma “frescura” e que logo irá passar. No âmbito religioso vivenciado pelas autoras, também é encarado como “falta de Deus”.

Ambas as idealizadoras do projeto cresceram em contato bem próximo com pessoas que têm a doença. Tanto a Heloísa quanto a Jéssica possuem familiares que convivem com o transtorno. A mãe da Jéssica, por exemplo, sofre há mais de 30 anos com a depressão, tentou o suicídio diversas vezes e dependerá de medicação e acompanhamento psicológico para o resto da vida. Sua mãe se encontra em um estado bem avançado da doença por conta da falta de informação na época em que recebeu o primeiro diagnóstico. A igreja também colaborou para que ela não seguisse o tratamento da forma correta e tornasse a depressão crônica.

As idealizadoras do projeto decidiram, portanto, escrever uma reportagem em profundidade sobre a depressão. No meio digital, não há um problema de falta de tempo para aprofundar mais um assunto, como ocorre na televisão ou no rádio, nem falta de espaço, como o que ocorre em jornais impressos e revistas. O jornalista pode se utilizar de mecanismos como a inserção de um vídeo no meio de um texto verbal, ou de uma galeria de fotos, um áudio, um infográfico, etc, como ocorre em reportagens transmídia.

As transformações no jornalismo após a popularização da internet foram diversas. A convergência midiática e a mudança no modo como a população consome os produtos jornalísticos são algumas delas. A abrangência de recursos oferecida pelo meio digital permite que o jornalismo se liberte dos meios convencionais e trate de temáticas muitas vezes negligenciadas pela grande mídia. Com isso, fica mais fácil tratar de assuntos complexos, como a depressão, que é definida por Hinsie e Campbell (1970):

In psychiatry, depression refers to a clinical syndrome consisting of lowering of mood-tone (feelings of painful dejection), difficulty in thinking, and psychomotor

retardation. The general retardation, however, may be masked by anxiety, obsessive thinking and agitation in certain depressions, especially those of the involuntal period ('involuntal melancholia'). (HINSIE; CAMPBELL, 1970)

Tendo em vista esses dados, o papel social do jornalismo e o modo como a depressão é um assunto extremamente relevante e pouco tratado pela mídia em geral, decidiu-se que o tema seria muito propício para a realização do projeto de conclusão de curso. O objeto das autoras, portanto, é uma reportagem transmídia sobre depressão. Porque, além de abordar uma temática bastante atual, polêmica e muitas vezes tratada como tabu, elas visualizam a oportunidade de contribuir socialmente com a discussão e disseminação dessa questão.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Produzir uma reportagem transmídia que englobe a desconstrução do estereótipo da depressão, discutindo o assunto através da exposição da opinião de especialistas e de depoimentos de quem sofre com a doença, além da apresentação de pesquisas e dados sobre o assunto.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar a depressão como o distúrbio mental que ela é, mostrando como a condição afeta o organismo química e biologicamente;
- Contribuir para o afastamento do modo estereotipado de retratação e da romantização que existem em torno da depressão na cultura popular em geral;
- Fazer com que pessoas que sofrem com a depressão se sintam representadas, através da exposição de suas realidades;
- Apresentar como é a situação da depressão no Brasil atualmente (se o tratamento é coberto pelo SUS, dados sobre suicídios relacionados ao quadro de depressão, etc.);
- Elaborar material visual, audiovisual e interativo, seguindo a proposta do formato escolhido.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Reportagem

Reportagem é um tipo de texto jornalístico que se baseia em acontecimentos, relatos, testemunhos ou temas em geral, os quais o jornalista julga pertinente apurar e reportar. Geralmente, os assuntos abordados são escolhidos com base em inúmeros critérios de noticiabilidade. Além disso, outro fator que pesa na escolha de recorte da notícia reportada é a subjetividade do repórter que está produzindo a reportagem.

Sobre os critérios de noticiabilidade, Mauro Wolf (2003), diz:

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2003)

Segundo Marques de Melo (2010), a reportagem está dentro do gênero informativo. Ela seria mais extensa e aprofundada que a notícia, uma vez que a notícia apenas informa os fatos, enquanto a reportagem tem como proposta esgotar o assunto em questão. A reportagem pode abordar tanto um assunto factual como um assunto “frio” e não é algo que se limita a uma plataforma. Ela pode ser produzida para televisão, jornal impresso, rádio, revista, internet.

Há uma maior liberdade quanto à estrutura narrativa da reportagem. Ela pode ser construída de diversas formas, diferente do que é estabelecido no *hard news*, que, muitas vezes, fica preso ao uso da técnica de pirâmide invertida (*lead* antes e contextualização depois). Na reportagem, o jornalista pode optar por colocar as informações mais importantes no final, começar o texto com algum depoimento ou citação, não precisa necessariamente seguir uma ordem cronológica, etc.

Devido a esses motivos, a reportagem foi o gênero escolhido para o projeto de conclusão de curso, garantindo uma abordagem ampla sobre depressão e a ausência de limitações quanto a como contar a história dos personagens que foram entrevistados. A autonomia concedida ao repórter por esse gênero quanto à estrutura do texto e o fato de a intenção do projeto, desde o princípio, ser aprofundar e esgotar o tema escolhido pesaram na

tomada de decisão quanto a escolher a reportagem como o gênero jornalístico do trabalho. A familiaridade das duas autoras quanto ao gênero também influenciou a escolha.

2.2 Narrativa Transmídia

De acordo com Jenkins (2008),

uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor. (JENKINS, 2008)

A narrativa transmídia surgiu no campo do entretenimento, com o intuito de que os autores de determinada obra pudessem expandir suas histórias para muitos meios diferentes, fazendo com que os fãs dos produtos seguissem a narrativa por esses outros meios.

Esse conteúdo tem de ser diferente e independente daquele que inspirou inicialmente o assunto, explorando novos pontos de vista e expandindo algo que não havia recebido destaque. Ainda que focalize o fã, o produto pode ser consumido por um iniciante, haja vista que cada material tem uma narrativa independente. (MARTINS, 2011)

Este novo estilo de narrativa surge como uma resposta à convergência midiática ocorrida com o advento da digitalização massiva da produção intelectual da humanidade e exige mais dos consumidores dessa produção (JENKINS, 2008). Isso significa que eles precisam “percorrer” todo o caminho pensado pelos autores através das diferentes plataformas para conseguir absorver todo o conteúdo de determinada obra.

Afirma-se, então, que as histórias transmídia têm como uma de suas principais características a fragmentação em vários meios. Todas as partes da narrativa, que, no caso deste projeto, se trata de uma reportagem, são veiculadas em diferentes plataformas e devem ser independentes entre si. Assim sendo, elas funcionam tanto separadamente quanto juntas, que é quando fazem com que o público tenha uma maior compreensão do assunto abordado. Os diferentes meios de comunicação podem ser texto, foto, vídeo ou infografia e essa independência entre eles forma uma narrativa não-linear, trazendo dinamicidade e liberdade ao público quando ao modo como quer ler/consumir a reportagem.

No que diz respeito ao jornalismo, ainda estão sendo dados os primeiros passos neste tipo de narrativa. Para a produção de uma reportagem transmídia, é necessário muito mais que apenas pesquisa, apuração, entrevistas e redação. A reportagem transmídia exige que as linguagens audiovisual, textual, radiofônica, visual e digital se encontrem e se fundam em um só propósito, constituindo uma história de várias partes interdependentes.

The purpose of a transmedia news story is to inform the readers in the best way possible, and using a combination of media forms to do so makes sense in a world where such partnerships across content platforms is becoming more plausible and where Internet publishing provides the means by which one can put together a package of text, audio, video, and pictures into an overarching coverage package. (FORD, 2007)

Pelo fato de a narrativa transmídia oferecer tantas possibilidades, as autoras resolveram usá-la em seu projeto. Por serem uma dupla, sentiram a necessidade de produzir um trabalho final que não fosse somente outra reportagem sobre depressão. A meta era oferecer uma reportagem que aprofundasse de verdade o tema e tivesse algum diferencial em relação a tudo o que o público lê na internet. A reportagem transmídia, além de possibilitar ir além de somente o texto escrito, também representava um desafio porque teriam que trabalhar com diferentes tipos de mídia.

A interatividade que esse tipo de narrativa oferece ao público, a liberdade de escolher o modo como quer ler (as partes independentes ou a reportagem no todo) e a riqueza de conteúdo que é possível construir dentro do formato também contribuíram para a escolha. Como a narrativa transmídia também ainda é pouco utilizada dentro do jornalismo, as alunas acharam que seria interessante trabalhar com o formato. Algumas empresas já trabalham com reportagens transmídia. Como exemplo, há o UOL Tab, que serviu de inspiração para o trabalho, assim como a reportagem Snow Fall, do The New York Times.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

As autoras já tinham a certeza de que realizariam o Trabalho de Conclusão de Curso juntas, pois já se conheciam desde o primeiro ano de faculdade e tinham familiaridade com o modo de trabalhar uma da outra. Inicialmente, a ideia era fazer um projeto voltado para a cultura pop, assunto de interesse e presente na vida de ambas. Desde o início, as duas também gostariam de fazer um produto jornalístico. No entanto, ao conversarem sobre a importância

social de uma reportagem, elas chegaram ao tema “depressão” quando questionaram a relevância de sua ideia original. Optaram, então, por fazer uma reportagem sobre depressão.

A reportagem foi pensada para não gerar altos custos financeiros. Para isso, as viagens para a realização de entrevistas foram limitadas (houve apenas uma, para São Paulo, na qual foram realizadas três entrevistas), enquanto muitas fontes foram entrevistadas em Bauru. Também foi pensado que o site de publicação que seria escolhido para hospedar a matéria teria que ser gratuito e não foi comprado nenhum equipamento especificamente para a produção do projeto de TCC.

A escolha do tema foi proveniente de as duas idealizadoras do projeto terem convivido com pessoas que têm depressão. Por estarem tão próximas do transtorno depressivo maior, as autoras estão familiarizadas com a negligência com que o tema é tratado na sociedade e com os desafios enfrentados por quem tem a doença e por quem lida diretamente com essas pessoas. Muitas pessoas não sabem o que realmente é a depressão, como ela deve ser abordada, o que fazer se você tem pessoas depressivas próximas e como procurar ajuda caso tenha depressão.

Durante o desenvolvimento da pauta, ficou resolvido que a reportagem utilizaria a narrativa transmídia e ficaria hospedada em uma plataforma online. A ideia original era produzir uma matéria mais humanizada, sem deixar de lado os dados e as informações científicas, por estarem lidando com uma doença. Ao iniciarem as pesquisas, perceberam ter muitas dúvidas e decidiram, então, iniciar logo as entrevistas. A intenção era falar com especialistas e colher depoimentos de personagens que sofrem com a depressão.

Também foi desenvolvido um roteiro de perguntas, tanto para especialistas como para personagens, sendo que as autoras tinham em mente que tal roteiro poderia não ser seguido à risca. A intenção era deixar a conversa com os entrevistados fluir e que, de acordo com as respostas deles, o roteiro fosse reformulado e até mesmo novas perguntas fossem criadas. Assim, a conversa seria personalizada para cada fonte, não ficando engessada e generalizada, trazendo mais importância e particularidades para as respostas obtidas nas entrevistas.

Simultaneamente à realização das entrevistas, também foram feitas pesquisas sobre a depressão e buscas de dados para utilizar em infografia. Como as autoras queriam produzir uma reportagem transmídia, também pensaram em quais meios seriam utilizados. As mídias

pensadas inicialmente para fazerem parte da reportagem foram os vídeos e áudios das entrevistas que estavam realizando com especialistas e personagens, os infográficos nos quais reuniriam dados sobre a doença, fotos e ilustrações. O site que hospedaria a reportagem teria que ter suporte a tais recursos.

Durante a realização de entrevistas e pesquisas, ficou decidido que a estruturação da matéria, além de utilizar a narrativa transmídia, seria dividida em tópicos. Isso facilitaria a navegação do público pela reportagem, que as autoras já previam que seria longa. Foi produzido um roteiro com os tópicos que elas desejavam abordar, para facilitar o processo de escrita do texto e de inserção dos vídeos, áudios, fotos, galerias, infográficos, etc. Os tópicos pensados não eram definitivos, mas apenas um guia para que tudo o que elas queriam falar fosse abordado na reportagem.

Também foi pensado que, ao finalizarem todas as entrevistas com personagens e especialistas, elas iriam decupar todos os vídeos e áudios para que pudessem ter acesso ao material de forma a facilitar o processo de escrita da reportagem e otimizar o tempo disponível, já que elas sabiam que seria necessário reservar um tempo a mais para a edição de vídeos e áudios e para a montagem da reportagem como um todo.

O público alvo da reportagem foi pensado inicialmente como pessoas a partir dos 15 anos, das classes A, B e C, com escolaridade de pelo menos nível fundamental. No entanto, ao decorrer do trabalho de busca e apuração das informações, o objetivo se transformou em atingir o máximo de pessoas possível, devido à gravidade da doença e ao fato de todos estarem suscetíveis a desenvolvê-la.

4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Ao todo, 11 pessoas foram entrevistadas. Cinco especialistas, entre psiquiatras e psicólogos, e seis personagens (uma das entrevistadas é psicóloga e tem depressão, portanto a entrevista com ela foi realizada de modo a incluir perguntas direcionadas a especialistas e perguntas direcionadas a personagens). São os especialistas: Giovanna Levatti, psicóloga; Larissa Zeggio, psicóloga; Hewdy Ribeiro, psiquiatra; Elaine Lúcia de Oliveira, psiquiatra e psicoterapeuta; Sandra Calais, psicóloga. São os personagens: Janaína Leandro, 29 anos; Arthur Macedo, 22 anos; Melissa Ligeiro, 20 anos; Raphael Jarcovis, 22 anos; Anderson

Mendes, 38 anos; e João, 23 anos (nome fictício, pois o personagem preferiu não ser identificado).

O equipamento utilizado variou de entrevista para entrevista devido a limitações financeiras. Parte dos equipamentos não pôde ser utilizado em todas as entrevistas por ser emprestado. Para a captação de vídeo, foram usados três dispositivos diferentes: uma câmera profissional Nikon D5600, uma câmera digital Sony Cyber-Shot DSC-WX50 HD/AVCHD/3D 16.2 megapixels e um iPhone 5s. Também foi utilizado um tripé Kenko. Na captação de áudio, foi utilizado um smartphone Lenovo K10A40, fone de ouvido do mesmo smartphone e um microfone lapela. Uma das entrevistas foi realizada no estúdio dos laboratórios da Unesp Bauru, utilizando os equipamentos disponíveis no local.

Grande parte das entrevistas foi realizada em Bauru. Três delas foram feitas em São Paulo, com as alunas viajando para a capital e passando quatro dias por lá, conversando com um psiquiatra, um personagem e um personagem que escreveu um livro sobre o assunto. Apenas uma entrevista foi realizada por Skype porque a entrevistada mora em Florianópolis. Vídeo e áudio dessa entrevista foram captados. Nem todas as entrevistas puderam ser em vídeo, tanto por questões de ambientação adequada, quanto por preferência das fontes em não aparecerem.

Os softwares utilizados foram o Adobe Premiere para a edição de vídeos e produção de gifs; Audacity foi usado para a melhoria dos áudios dos vídeos e para a edição dos depoimentos gravados apenas em voz; Adobe InDesign foi utilizado na produção de box, infográficos e olhos (os que possuem a imagem com a escrita estática). Outros infográficos também foram feitos pela plataforma grátis thinglink.com. Os gifs foram hospedados no site giphy.com, e outros foram feitos a partir da conversão de vídeos (editados anteriormente pelo Premiere) pelo site ezgif.com. Ambas as plataformas são gratuitas.

Todas as imagens utilizadas na reportagem são de bancos de imagens com direitos livres, para uso grátis. Da mesma forma, os vídeos que não foram produzidos pelas autoras foram retirados de bancos com direitos livres. Do YouTube, elas usaram um vídeo para colocar na capa da reportagem, após pedirem a autorização da autora da obra, que permitiu o uso.

O material coletado foi inteiramente editado nos computadores pessoais das autoras, um Dell Inspiron e um Samsung. Outros computadores foram usados apenas para o transporte de alguns vídeos que não poderiam ser passados por pendrives ou armazenamento em nuvens devido ao tamanho muito grande.

Ao optar pela plataforma digital e pela narrativa transmídia, as alunas pesquisaram meios de colocar no ar a reportagem, levando em conta os recursos e ferramentas disponíveis, o custo benefício, a familiaridade que possuíam com os processos necessários, a existência ou não de uma interface intuitiva e o visual. Foram pesquisados sites que hospedam textos com suporte a vídeos, fotos, galerias, áudios, gifs e infografia e ficou decidido que o site utilizado seria o <https://atavist.com/>. O site escolhido oferece todos esses recursos e foi uma orientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda.

A ideia inicial foi de dividir a reportagem em 12 tópicos: depressão como doença, sintomas, a procura de ajuda, diagnóstico, tratamento, recaídas, suicídio, depressão na mídia, o que a depressão representa para as pessoas, a depressão e as outras pessoas, o que as pessoas sem a doença podem fazer pelas pessoas depressivas e encerramento. No entanto, após a decupagem das entrevistas e uma extensa pesquisa, as autoras organizaram seu material em sete tópicos: A melancolia, Não é coisa da sua cabeça, Sinais, A procura por ajuda e o diagnóstico, O caminho, “A árvore seca era eu” e Nem sempre é tempestade. Um último tópico foi incluído como sendo o expediente.

O primeiro tópico aborda a questão da caracterização do transtorno depressivo maior, explicando que a depressão é uma doença, não um estado de humor, algo místico ou do âmbito da religião. O segundo tópico traz mais dados sobre o transtorno no Brasil e no mundo, reforçando a gravidade do mesmo. O tópico de sinais apresenta quais são os sintomas da depressão, como as personagens entrevistadas os sentiram, e como especialistas os reconhecem. A página seguinte procura retratar como é difícil para as pessoas procurarem ajuda após identificar que possuem os sintomas da depressão e como o diagnóstico é feito.

O caminho é sobre o tratamento da doença, uma parte bem extensa e que demandou muito cuidado, pois envolvia medicamentos e diferentes casos do mesmo transtorno. “A árvore seca era eu” foi o tópico exclusivo para tratar do suicídio, outra parte que exigiu bastante atenção e sensibilidade, pois há regras para se falar sobre suicídio na mídia. O último

tópico é para mostrar como as personagens aprenderam a lidar com a doença e explicar que a depressão não é uma sentença de morte.

Um logo foi criado exclusivamente para a reportagem, que foi usado nos vídeos com os depoimentos e entrevistas. Além disso, todas as mídias foram padronizadas com apenas duas opções de fonte, a myanmar text e a myanmar text bold. Também foi pensado em tomar cuidado com o conteúdo da reportagem para pessoas vulneráveis. Decidimos colocar avisos de gatilho, de conteúdo sensível e números de centrais de ajuda para pessoas que precisam.

A reportagem foi construída com o intuito das partes constituírem uma única narrativa, mas com cada tópico contendo sua própria história. As autoras acreditam que o objetivo foi alcançado. Cada elemento da reportagem pode ser consumido separadamente - não apenas os tópicos, mas as mídias também. Elas não dependem do texto, mas complementam o mesmo e vice-versa. Todas as imagens, vídeos, vetores, gifs, pesquisas e textos usados foram pensados e revisados especialmente para as partes em que foram encaixados. A ordem dos tópicos também foi idealizada para construir uma linha narrativa, com o cuidado de que eles não se fizessem dependentes uns dos outros.

Mais do que produzir um conteúdo esteticamente atraente e com dados mais próximos da precisão sobre o tema, as autoras prezaram bastante pelo relato dos personagens e falas dos especialistas entrevistados. A reportagem foi toda produzida com o cuidado de respeitar os personagens, contemplar seus depoimentos e não deixar suas falas com um mal entendimento. Um dos personagens que nos concedeu entrevista preferiu não ter seu nome, rosto e voz expostos, por isso usamos apenas seu depoimento em texto e modificamos seu nome. Os especialistas foram de extrema importância, não apenas para entrevistas, mas também para a correção de termos equivocados que as autoras pudessem vir a utilizar.

A reportagem pode ser acessada no link <https://inexistencia.atavist.com/depressao>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a produção da reportagem transmídia, foi importante a realização de uma pesquisa ampla e profunda sobre o tema em questão (depressão) e sobre o tipo de narrativa, para que não houvesse equívocos na abordagem do tema e para que a matéria realmente se enquadrasse dentro do formato transmídia. Era necessário que as autoras possuíssem um

conhecimento suficiente do conteúdo para que estivessem habilitadas a produzir a reportagem de modo satisfatório. Por isso, a bibliografia consultada foi de extrema importância.

Durante o processo de apuração e de entrevistas, foi necessário encontrar disponibilidade de horários dos entrevistados que batesse com a disponibilidade das autoras, já que as mesmas ainda estavam tendo aulas e outras obrigações. Foi preciso reagendar algumas entrevistas por conta de outros compromissos das fontes, quando todo o cronograma de produção foi readequado para atender às necessidades dos entrevistados.

Todas as entrevistas exigiram das idealizadoras do projeto uma postura diferente, principalmente com os personagens. Elas descobriram, ao longo da produção, que abordar quem tem o transtorno requer cuidados específicos. Como, por exemplo, não se mostrar com pena, prestar atenção no que a pessoa fala, evitar expressões como “eu te entendo” ou “sei o que você está sentindo”. Além disso, alguns depoimentos tiveram cargas emocionais bem intensas e isso trouxe o medo da fonte entrar em um episódio depressivo. Por conta desse medo, após as entrevistas com personagens, as autoras mantinham uma conversa informal com a fonte até a tensão ter se dissipado e o clima ficar mais leve.

O fato de o assunto ser muito delicado também foi uma fonte de preocupação. As entrevistadoras fizeram questão de reiterar para os entrevistados que eles só falassem o que se sentissem à vontade para compartilhar, ressaltando sempre que elas estavam à disposição caso eles mudassem de ideia e não quisessem mais aparecer na reportagem.

A orientação do Prof. Dr. Francisco Rolfsen Belda foi de suma importância em diversos momentos. Muitos deles nas horas em que as autoras não tinham a segurança se já poderiam (ou não) avançar aos próximos estágios durante a produção. Seu olhar também foi muito importante no começo da escrita do produto, já que as alunas possuíam muito material, muita coisa técnica, mas demoraram um pouco para encontrar um fio condutor narrativo - o orientador foi quem as atentou para essa questão.

A produção da reportagem trouxe às autoras muitos ganhos pessoais. Pelo fato de estarem lidando com pessoas que já chegaram em um nível tão grande de sofrimento que já pensaram (e algumas até tentaram) encerrar a própria vida, as alunas aprenderam a colocar as coisas em perspectivas, reconhecer privilégios, desenvolver bastante a empatia e aprender um pouco mais sobre compreensão. Profissionalmente, aprenderam muito também. Ter que lidar

com situações que já não dependiam delas, mas que mesmo assim prejudicava seu trabalho, foi muito enriquecedor e contribuiu para o amadurecimento profissional.

O próprio fato de realizar um trabalho em dupla foi desafiador e agregou muito para a construção das profissionais que as graduandas estão se tornando. Jornalismo não é um trabalho que se faz sozinho e elas sentiram isso na pele durante a produção do trabalho. Heloísa e Jéssica acreditam que, assim como elas aprenderam bastante ao produzir a reportagem, quem tiver acesso à mesma também vai aprender muito. Aprender não apenas as coisas técnicas sobre a depressão, mas também como essa doença afeta a vida das pessoas e a sociedade no geral. Elas pretendem criar empatia e respeito do público que irá consumir o trabalho com quem tem depressão.

REFERÊNCIAS

ALZAMORA, G.; TARCIA, L. **Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo**. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/401>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al.. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSIS, F. de; MELO, J.M. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

BAKER, G.; COHEN, M. B.; COHEN, R. A.; FROMM-REICHMANN, F. WEIGERT, E. V. An Intensive Study of Twelve Cases of Manic-Depressive Psychosis. In: COYNE, J. C. (Ed). **Essential Papers on Depression**. Nova Iorque: New York University Press, 1985. p. 82-139.

BAPTISTA, Makilim Nunes. **Suicídio e Depressão: Atualizações**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2004. 268 p.

BRANCH, J. Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek. In: **NY Times.com**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FINGER, C. Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4656/465645975009/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FORD, Sam. Transmedia Journalism: A Story-Based Approach to Convergence. In: **Convergence Culture Consortium**, 2007. Disponível em: <http://www.convergenceculture.org/weblog/2007/04/transmedia_journalism_a_storyb.php>. Acesso em: 10 ago. 2017.

HINSIE, L. E.; CAMPBELL, R. J. **Psychiatric dictionary**. 4ª ed. Londres: Oxford University Press, 1970.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LAGE, A. M. V.; MONTEIRO, K. C. C. Depressão - uma 'psicopatologia' classificada nos manuais de psiquiatria. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v.27, n.1, mar. 2007.

MARTINO, L. M. S. Teorias das mídias Digitais. **Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, Vozes: 2014

MARTINS, A. V. **Experiência das Narrativas Cross e Transmídia no Webjornalismo**. *Estatuto da Cibercultura no Brasil*. Vol.34, Nº 01, 2011.

MIELNICZUK, L.; SOUZA, M. D. Aspectos da narrativa transmídia no jornalismo da revista época. **Revista Comunicação e Inovação**, 2010. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/947>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MOEHLECKE, R. Prevenção do suicídio: saúde mental é tema negligenciado pela mídia. In: **Portal Fiocruz**. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/prevencao-do-suicidio-saude-mental-e-tema-negligencia-do-pela-midia>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do Suicídio: um Manual para Profissionais da Mídia**. Genebra, 2000.

PERNISA JR, C. **Jornalismo Transmídia ou Multimídia?** Disponível em: <<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/35>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

RAPAPORT, D. Edward Bibring's Theory of Depression. In: COYNE, J. C. (Ed). **Essential Papers on Depression**. Nova Iorque: New York University Press, 1985. p. 64-81.

ROCCHI, I. R.; LÍRIO, J. **Tietê: um rio, várias vidas**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2016. Disponível em: <<https://meutiete.atavist.com/tiet>>. Acesso em 10 ago. 2017.

RYAN, Marie-Laure (Org.). **Narrative across media: the language of storytelling**. Lincoln, University of Nebraska Press, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo, Paulus, 2008.

SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Tradução de Myriam Campello. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WINOKUR, G. Controversies in depression, or Do Clinicians Know Something After All? In: COYNE, J. C. (Ed). **Essential Papers on Depression**. Nova Iorque: New York University Press, 1985. p. 428-448.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

APÊNDICES

1. Pauta

Pauta: Depressão (transtorno depressivo maior)

Encaminhamento:

- **Introdução**

- Cenário atual da depressão no mundo, foco no Brasil (dados)
- Introdução “geral” do que é a depressão (explicar que é uma doença, tem vários subtipos e afeta as pessoas de modos diferentes, por mais que tenha um certo padrão)

- **Tipos de depressão**

- Uma coisa leva a outra (exemplo: uma crise de ansiedade pode fazer uma pessoa desenvolver síndrome do pânico) - as que listamos no pré-projeto exceto especificado, não-especificado e pré-menstrual

- **Sintomas da depressão**

- Pessoas não se sentem do mesmo jeito, por mais que a depressão tenha um padrão, ninguém sente a mesma coisa
- Destacar as coisas que se repetem e diferenciam (tipo, falta de sono e muito sono)
- Características biológicas e cognitivas
- Nessa parte entra mais pesquisas e estudos sobre o assunto
- Lembrando sempre que há características semelhantes, mas não uma regra
- Pessoas depressivas são predominantemente irritadas com elas e com as pessoas em volta delas (frustração que vira raiva)
- Características gerais de pessoas depressivas

- **O que faz no organismo (biológica e quimicamente)**
 - Estudos e falas de especialistas;
 - Mudanças percebidas fisicamente em pessoas depressivas

- **Tratamento**
 - Fala de especialistas sobre os diversos tratamentos
 - Explicar que cada pessoa precisa de um acompanhamento e um tratamento específico
 - Pessoas depressivas em tratamentos poderiam falar como a medicação afeta seu organismo

- **Estigmatização da depressão**
 - Falar da romantização que existe em torno da temática
 - Acredito que aqui cabe falar como as pessoas depressivas se sentem em relação a representação deles na mídia
 - Imprensa e suicídio: manual de como falar sobre suicídio nos noticiários

- **Pessoas que sofrem de depressão (histórias/personagens)**
 - Por mais que façamos as mesmas perguntas para os entrevistados, cada um tem uma história diferente sobre algum momento marcante da depressão na sua vida

- **Opção de narrativa**
 - Como pessoas depressivas se relacionam com seus familiares e amigos
 - Como as pessoas em volta delas lidam com a situação

- **Opção de fala povo**
 - Perguntar o que as pessoas acham que é depressão, se consideram como doença ou apenas um estado de humor

Fontes:

No mínimo 3 especialistas (médicos, psiquiatras, psicólogos)

Personagens (quantos conseguirmos)

Saúde Mental SJC

Ambulatório de Saúde Mental (Matão)

Tentar falar com os CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)

> Dr. Wilson Roberto Fabra Siqueira **(achei uma página da clínica dele e na aba de contato eu enviei uma mensagem)**

R Aviador Gomes Ribeiro, 16047 - Parque Paulistano - Bauru, SP - CEP: 17030-530

(14) 3223-0786

Rua Manoel Bento Cruz, 19 - quadra 19 (Higienópolis). 17013-032 Bauru

(14) 3223-0108

(14) 3019-9927

+info:

<http://www.doctoralia.com.br/medico/fabra+siqueira+wilson+roberto-14819992>

> Dra. Beatriz Camargo Fontanella **(não achei nenhum e-mail, teremos que ligar ou ir até o local, pq nem o local tem uma página ou algo assim)**

Rua Gustavo Maciel, 31-60

17012230 Bauru, São Paulo SP

+info: <http://www.doctoralia.com.br/medico/camargo+fontanella+beatriz-14839469>

> Dra. Maria Fernanda Sacon **(não achei nenhum e-mail, teremos que ligar ou ir até o local)**

Rua Azarias Leite 20 (120) (Vila Mesquita)

17014400 Bauru, São Paulo SP

+info: <http://www.doctoralia.com.br/medico/sacon+maria+fernanda-14919873>

> Dr. Fabricio Bertoli Gimenes **(achei uma página da clínica dele e na aba de contato eu enviei uma mensagem)**

Rua Alfredo Ruiz 11-86 (Jd Estoril)

17014350 Bauru, São Paulo SP

+info: <http://www.doctoralia.com.br/medico/fabricio+bertoli+gimenes-12032406>

> Dr. Camilo Ramos Cury **(achei dois e-mails, mandei nos dois)**

Rua Antônio Alves 26-18 (Altos da Cidade)

17012-060 Bauru, São Paulo SP

+info: <http://www.doctoralia.com.br/medico/camilo+ramos+cury-10611365>

> Sandra Leal Calais **(enviei e-mail)**

scalais@fc.unesp.br

+info: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4792950P5>

> Dra. Elaine Lúcia Dias Oliveira **(enviei e-mail)**

R Treze de Maio, 15009 - Centro - Bauru, SP - CEP: 17010-230

(14) 3227-5722

(14) 3234-7301

> Dr. Antônio Fernandes Alegre **(ligar (14) 3223 0786)**

R Aviador Gomes Ribeiro, 16047 - Parque Paulistano - Bauru, SP - CEP: 17030-530

(14) 3223-0786

> Wagner Farid Gattaz **(enviei e-mail)**

gattaz@usp.br

+info:

http://www.hc.fm.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=84&Itemid=215

> Bruno Halpern **(enviei e-mail)**

Endocrinologista

brunohalpern@hotmail.com

> Karina Okajima Fukumitsu (**enviei e-mail**)

karinafukumitsu@gmail.com

Sugestões de perguntas:

Personagens:

- Sua depressão foi diagnosticada depois de quanto tempo? Era depressão logo no início, ou teve algum estágio pré-depressão?
- Quando foi que você começou a sentir a depressão presente na sua vida?
- Algum episódio desencadeou a doença?
- O que você sente quando está perto de uma crise?
- Há um período do dia, ou até mesmo do ano que você se sente pior?
- Você prefere ficar sozinho (a) nos momentos mais depressivos?
- Adquiriu algum tipo de costume ou mania depois da depressão?
- A convivência com as pessoas a sua volta mudou? Se sim, como?
- A depressão afetou seu metabolismo, apetite ou alguma característica física?
- Você faz terapia? Ela te ajuda?
- Faz algum tratamento alternativo? Se sim, qual?
- Pratica exercícios físicos? Eles te ajudam?
- Você faz tratamento com remédios?
- Demorou para encontrar os remédios adequados?
- O que eles mudam na sua rotina?
- Eles melhoram sua situação ou apenas te anestesia?
- Quando você assiste algum filme, série, novela em que há personagens depressivos, você se sente representado? Acredita que eles chegam perto de retratar sua realidade?
- Você já se sentiu mais depressivo e desmotivado por ter assistido (ou lido) alguma coisa relacionado a depressão? O que?

- Quando há reportagens sobre o assunto, você acredita que os jornalista tratam da temática da maneira mais adequada?
- Você consegue descrever como a depressão faz você se sentir?
- Tem algum objeto, livro, música, cor, filme e qualquer coisa que represente o que é a depressão para você?
- Como você descreve a depressão?
- Quer falar alguma coisa que você acha importante e que não perguntamos?

Especialistas:

- Quais são os tipos de depressão mais comumente diagnosticadas?
- Demora muito para chegar ao diagnóstico de depressão?
- Quais são as características que estão mais presentes em pessoas depressivas?
- Muitas pesquisas e estudos sobre o assunto afirmam que não há necessariamente um padrão nas características de pessoas depressivas? Você, como especialista que tem contato com essas pessoas, concorda com essa afirmação?
- É comum que a depressão tenha sintomas que afetam biologicamente e/ou quimicamente os que sofrem da doença?
- Se sim, como afetam?
- Por que é tão indicado que se faça terapia junto com o tratamento com remédios?
- São todos os casos de depressão que necessitam de tratamento com medicação?
- Quanto tempo, em média, é preciso para encontrar a medicação certa para o paciente?
- Tentar conseguir fontes com especialistas

Recursos:

- Divisão da reportagem em 6 partes:

- Introdução/Tipos de depressão
- Sintomas da depressão
- O que faz no organismo (biológica e quimicamente)
- Tratamento
- Estigmatização da depressão
- Pessoas que sofrem de depressão (histórias/personagens)

- Vídeos:

Depoimentos de personagens

Falas de especialistas

- Infográfico (interativos e animados)

- Imagens

Indicação de livro:

A depressão como fenômeno cultural na sociedade pós-moderna - Yara Nico,
Jan Luiz Leonardi, Larissa Zeggio

Links úteis:

Dados da OMS sobre depressão

<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>

<https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1871343-depressao-e-a-maior-causa-de-incapacidade-no-mundo-diz-oms.shtml>

http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao>

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/oms-depressao-afeta-mais-de-300-milhoes-e-numeros-estao-aumentando>

<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-pais-que-mais-sofre-com-depressao-na-america-latina,70001676638>

Artigos sobre depressão

http://www.site.satc.edu.br/admin/arquivos/30070/Depressao_-_O_Silencio_Da_Alma.pdf

http://revista.hupe.uerj.br/detalhe_artigo.asp?id=115

<http://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/8767/6273>

<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/9317/6117>

<http://www.redalyc.org/pdf/2820/282050111003.pdf>

<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/3895/2273>

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/16947/pdf>

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148780/heguedush_cv_me_assis_parac.pdf?sequence=7&isAllowed=y

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/530778/noticia.html?sequence=1>

<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s1/a02v31s1.pdf>

Suicídio

<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/10/6-sinais-de-comportamento-suicida.html>

<https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-uma-pessoa-se-mata/>

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/07/precisamos-falar-sobre-o-suicidio.html>

http://www.huffpostbrasil.com/2016/09/08/por-que-nao-falamos-de-suicidio_a_21697516/

<http://www.gazetaonline.com.br/especiais/reportagens/2017/08/especial-pela-vida-1014095823.html>

Livros

https://books.google.com.br/books?id=MnXSBAQAQBAJ&pg=PT190&lpg=PT190&dq=ativistas+depress%C3%A3o&source=bl&ots=jD728H_pvl&sig=6a00yST207t9whE3USkOdXWKMKY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiq24-6ksjWAhWBIJAKHW7WDo0Q6AEIYjAN#v=onepage&q=ativistas%20depress%C3%A3o&f=false

Geral

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2010/08/788715-grande-sp-lidera-ranking-de-depressao-aponta-pesquisa-da-usp.shtml?mobile>

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI330709-17770,00-PESQUISADORES+BRASILEIROS+USAM+TECNICA+INOVADORA+PARA+COMBATER+DEPRESSAO.html>

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/cientistas-russos-identificam-gene-que-causa-a-depressao.dcc0cc89ce46061833800a15d5a84c58jaw7afy3.html>

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/08/pesquisadores-querem-ajudar-na-prevencao-da-depressao-usando-instagram.ghtml>

<https://pubmed.com.br/alzheimer-e-depressao-pesquisadores-identificam-potenciais-alvos-moleculares/>

<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/pare-de-chorar-porque-o-seu-marido-vai-cansar-o-estigma-da-depressao-pos-parto-que-afeta-1-em-4-maes-no-brasil.ghtml>

<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cientistas-brasileiros-desvendam-elo-clinico-entre-alzheimer-e-depressao-imp-,981298>

<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2015/08/o-que-acontece-quando-alguem-tem-um-surto-depressivo.html>

Diagnóstico

<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/o-poder-de-um-bom-diagnostico-para-depressao-4463840>

Como afeta o cérebro

<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/07/depressao-pode-mudar-estrutura-do-cerebro-afirma-pesquisa.html>

<https://oficinadepsicologia.com/dentro-de-um-cerebro-deprimido/>

<http://veja.abril.com.br/saude/depressao-esta-relacionada-a-hiperatividade-cerebral/>